

FIO DA CONVERSA

TECENDO NOVAS MASCULINIDADES

EDIÇÃO #0



PESQUISA INVESTIGA
O PAPEL DOS FIOS
NA CONSTRUÇÃO DE
NOVAS MASCULINIDADES

O artista plástico, professor e bordador mineiro, Rodrigo Mogiz foi um dos entrevistados pelo Fio da Conversa durante o ano de 2019.

FIO DA CONVERSA

EDIÇÃO ZERO

Gustavo Seraphim

Há cerca de um ano minha companheira de vida tinha passado a noite em claro finalizando os textos da edição zero da revista Urdume. A exemplo do que ocorreu quando soube que seria pai, à época não compreendi a profundidade daquele acontecimento, tampouco que viria a afetar tanto as nossas vidas. Desde então lançamos quatro edições da revista, um podcast, abrimos a Casa Urdume e criamos uma rede incrível de amigos, colaboradores e parceiros.

O título da minha coluna naquela edição foi “Tricotando Relações”, onde escrevi sobre a paternidade, o reencontro com os fazeres manuais, a resignificação dos meus entendimentos de masculinidades e como passei a demonstrar sentimentos por meio da prática do tricô. Sem saber, ali estava nascendo o Fio da Conversa.

Entre fios, conversas e afetos a iniciativa amadureceu e hoje busca investigar as relações entre as masculinidades, os fazeres manuais e a equidade de gênero, se materializando em ciclos de encontros para homens praticarem tricô e dialogarem, pesquisas, desenvolvimento de conteúdos, e, a partir de agora, uma publicação.

Seguindo o caminho da Estefania, porém já mais estruturado, me vejo trilhando seus passos ao editar a edição zero da Revista Fio da Conversa, que chega até você como um anexo da Urdume #04. Por isso dedico esta edição a ela, que com a sua coragem desbravadora (muitas vezes até assustadora, risos) abre frentes guiada por sua afiada intuição, proporcionando ao mundo e à nossa família, espaços de realização.

Agradeço de coração aos que colaboraram para essa edição, em especial aos colunistas José Bueno e Daniel Fauth, e àqueles que têm participado dos ciclos de encontros e respondido às entrevistas, por escolherem refletir e dialogar sobre suas masculinidades, privilégios e vulnerabilidades. Seguimos juntos e juntas por uma sociedade mais equilibrada para todos.

Boa leitura.

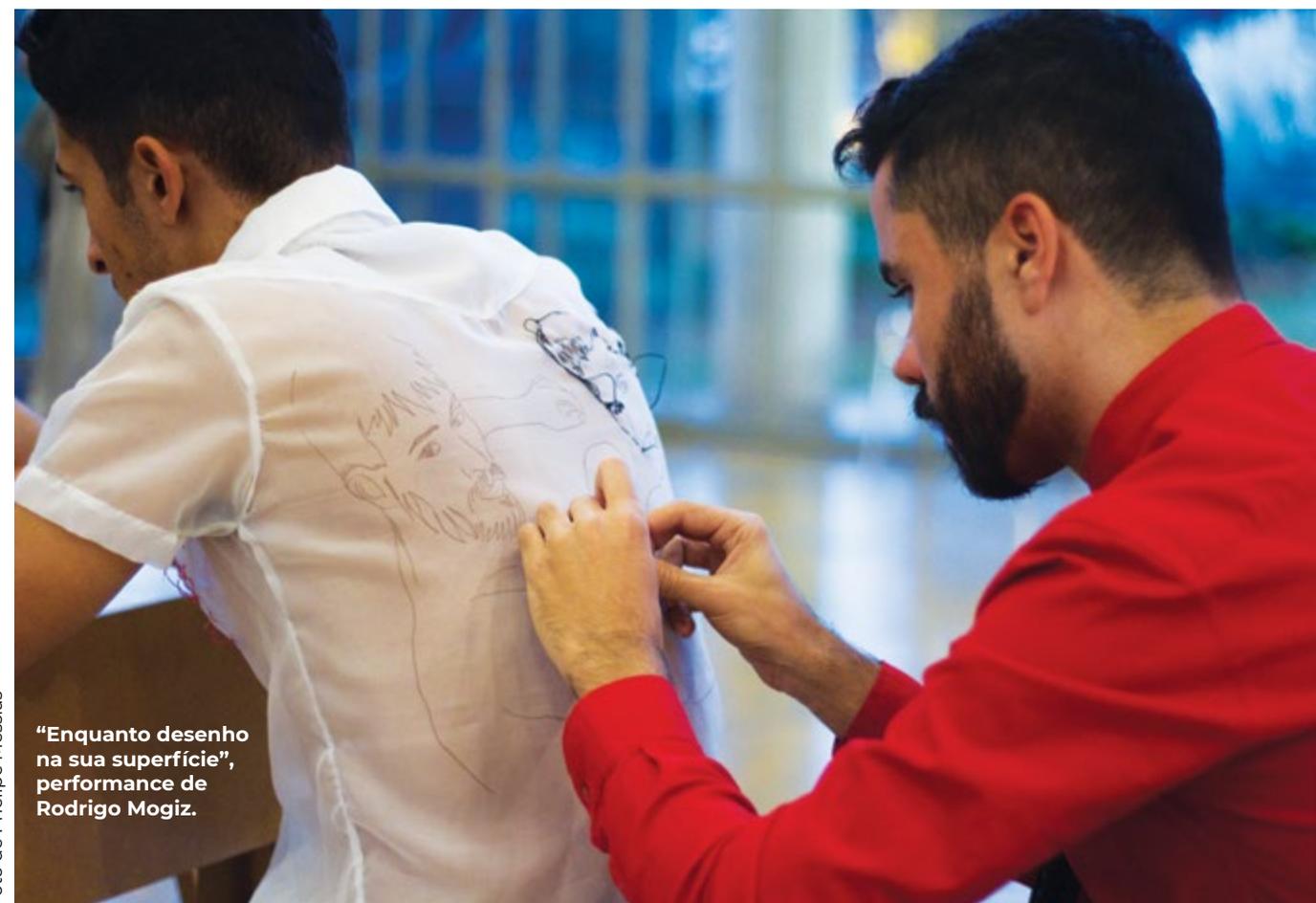


Foto de Phelipe Messias

“Enquanto desenho na sua superfície”, performance de Rodrigo Mogiz.

Nesta edição

PESQUISA

Tecendo novas masculinidades 84

BORDADO

Trabalhos autobiográficos com a memória alheia 92

COLUNAS

Daniel Fauth 95

José Bueno 96



PESQUISA TECENDO NOVAS MASCULINIDADES

Pesquisa: Gustavo Seraphim | Orientação: Estefania Lima





Conforme publicamos na matéria “Tecendo Novas Masculinidades”, na Revista Urdume #03, o tricô surgiu como um ofício de homens, e assim permaneceu até o final do século XIX, quando o tricô feito à mão perdeu seu prestígio, tornando-se um passatempo doméstico de domínio das mulheres.

No entanto, antes disso, não se conquistava a alcunha de tricoteiro da noite para o dia. Segundo Dave Fougner (1972) “para que um homem daquele período se tornasse um mestre na arte do tricô, ele precisaria passar seis anos como aprendiz. Depois disso, o aprendiz seria testado para ver se havia desenvolvido a proficiência esperada”. Para se ter noção de seu prestígio, um mestre do tricô era estimado por reis e rainhas.

O fato do tricô ter se tornado uma atividade feminina ao perder o seu valor na sociedade, não é de se estranhar. Segundo a psicanalista Muszkat, (2018) “A divisão sexual binária da sociedade, na qual as atribuições do perfil masculino são contraponto direto ao feminino, e vice-versa, torna supostamente insuperável a oposição entre os valores e

elementos de cada uma das partes, já que é por meio dessa oposição que uma atribui significado ao existir da outra”. Neste contexto, o masculino é considerado dominante, e a feminina fraca e domesticada. Um código reforçado há milênios, por intermédio de leis, mitos, fábulas e paradigmas.

A mesma autora afirma, todavia, que, se por um lado a dominação masculina é opressora

para as mulheres, ela também o é para os homens: “a divisão dos sexos (...) têm sido mantida, geração após geração, graças ao nunca referido sacrifício de seu exército de homens em constante conflito com os próprios afetos”. A leitura do código masculino - de um ponto de vista superficial e reducionista - prejudica a compreensão daquilo que se esconde por trás dos estereótipos impostos.

É nesse contexto que o tricô e outros afazeres, com fios ou não, valorados como atividades do ambiente doméstico e feminino, ressurgem como forma de recusa das antigas funções dadas aos homens. Aliás, pessoas de ambos os gêneros vêm ressignificando o ofício como ferramenta de trabalho, expressão criativa e ativismo social. Segundo Kelley (2013), nos Estados Unidos, quando contextualizado no espaço público e em diálogo com pautas sociais, o tricô tem contribuído potencialmente para a construção de masculinidades e feminilidades alternativas.

A fim de conhecer como se configura esse cenário no Brasil e em outras partes do mundo, a iniciativa Fio da Conversa, em maio de 2019, iniciou a pesquisa "Tecendo Novas Masculinidades - Uma análise do impacto da atividade manual têxtil na ideia de masculinidades dos homens que tecem".

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas em profundidade com 26 homens de oito países. No Brasil, houve participações de quatro regiões e nove estados, além da América Latina, América do Norte, Europa e Ásia. As entrevistas foram realizadas por email, por skype ou presencialmente e as perguntas foram as mesmas para todos, sendo que 20 deles foram encontrados e contatados através das redes sociais (Instagram).

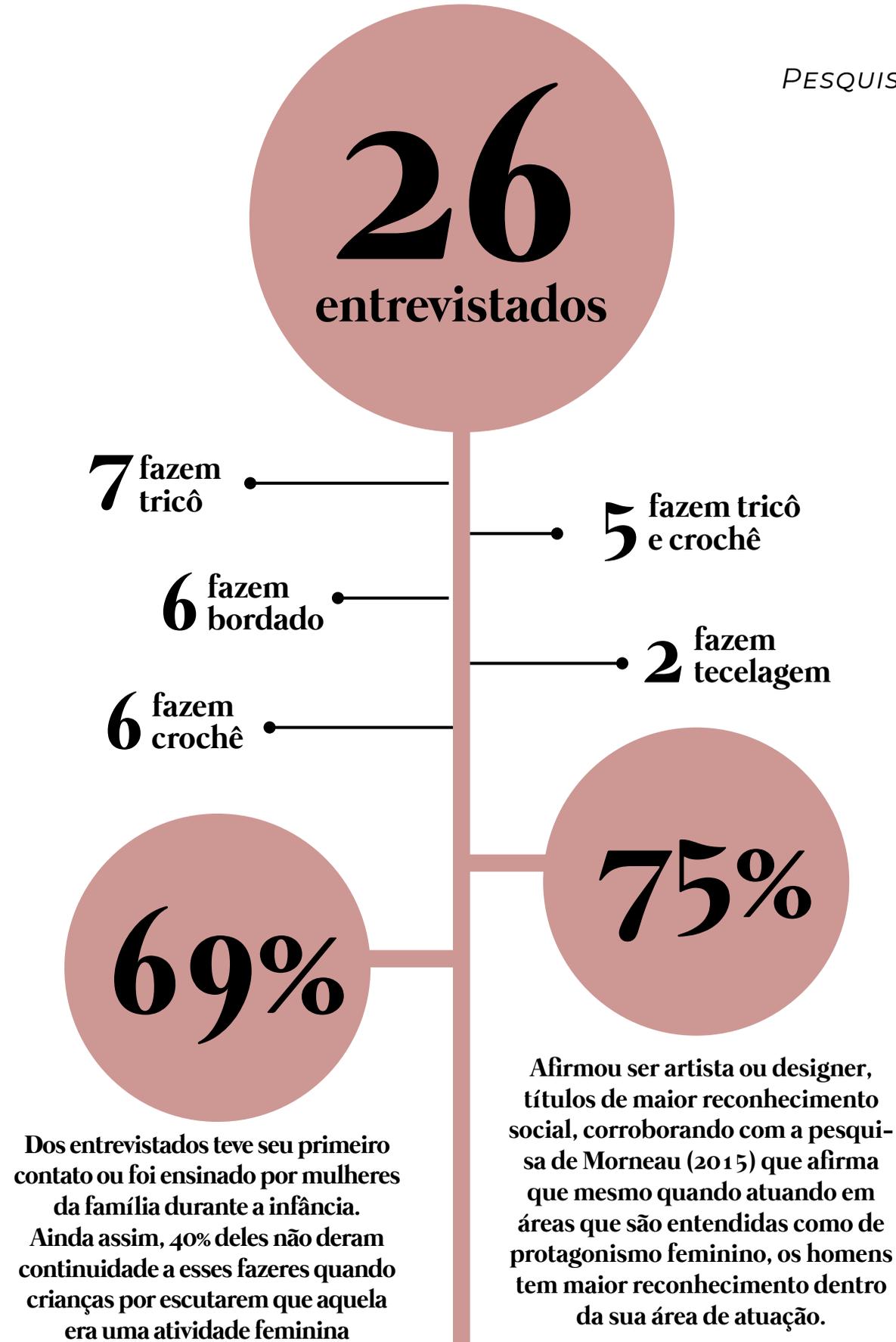
Dentre os 26 homens entrevistados, oito deles são praticantes de tricô, seis de bordado, cinco de crochê, três de tricô e crochê e dois de tecelagem. A maior parte, 56%, dedica-se profissionalmente, e de forma exclusiva, à sua técnica de trabalho, 8,7% dedica-se de forma amadora e 34,8% atua profissionalmente paralelamente a outra profissão.

Compartilharemos neste artigo o resultado da análise preliminar de parte das perguntas realizadas. Ao serem questionados sobre como as artes manuais passaram a fazer parte de suas vidas, 69,6% dos entrevistados teve seu primeiro

contato ou foi ensinado por mulheres da família (avó, mãe ou tia), durante a infância. Apesar disso, 40% deles não deram continuidade a esses fazeres, retomando a prática apenas na idade adulta por terem recebido a orientação de que aquela era uma atividade feminina. "Quando criança aprendi o tricô e o crochê. Além de à época ter achado a repetição dos movimentos um tanto monótona, também não pude continuar porque minha família acreditava que era uma atividade exclusivamente "feminina", assim descreve um dos entrevistados.

O que parece ser um indício não apenas da separação de uma atividade por gênero, mas também da supressão dos sentimentos do homem, uma vez que esses fazeres estavam sendo aprendidos em um ambiente doméstico e familiar, configurando uma relação afetiva. Como afirma Muszkat (2018) "do menino espera-se que entre precocemente no universo do pai, que, apesar de seu rival, garantirá sua masculinidade. Trata-se de uma experiência carregada de angústia que deixará marcas profundas em sua vida emocional. (...) É assim que nossos meninos submetem-se à castração dos afetos "para virar macho"."

Ainda assim, "O homem na sociedade patriarcal é construído para ser um deus: centralizador, conscientemente poderoso e previamente definido."(Muskat, 2018). Talvez por isso, diferentemente das mulheres, os homens, a partir do momento que assumem seu trabalho com as artes manuais têxteis, se apresentem prioritariamente como artistas ou designers (profissões de maior reconhecimento social), ao serem questionados se consideram-se artistas ou artesãos. Dos entrevistados, 75% afirmou ser artista ou designer o que corrobora com a pesquisa de Morneau (2015) que afirma que os homens, mesmo quando atuando em áreas que são entendidas como de protagonismo feminino, tem maior reconhecimento



PESQUISA

dentro da sua área de atuação, embora precisem lidar com os preconceitos que vêm de fora da esfera de suas profissões. “Embora as mulheres nos campos “masculinos” apresentem a tendência a experimentar uma diferenciação que dificulta o seu desenvolvimento e progresso nas profissões escolhidas, os homens experimentam um tipo de “diferenciação” que aprimora suas experiências de trabalho e lhes permitem atingir cargos com maior remuneração”, em tradução livre] afirma, Morneau citando Williams (2015).

O que podemos averiguar no exemplo do cantor Seu Jorge, que, em 2018, criou uma conta no Instagram chamada @novelodeanjo para mostrar seus trabalhos em tricô e crochê e foi destaque nos mais variados veículo de comunicação¹.

EXPRESSÕES DO FEMININO

Perguntados se identificavam em si características entendidas como femininas, 91,3% dos entrevistados responderam que sim e 8,7% responderam que não. Verificamos ainda que, para todos os que responderam positivamente, apresentar aspectos femininos não é um problema, pelo contrário, seria uma forma de ampliar suas possibilidades de existência no mundo, como explica um dos entrevistados: “Eu gosto de pensar o masculino e o feminino não como uma questão de gênero, mas como princípios vitais que estão presentes em todas as culturas, menos naquelas culturas classificatórias e bipartidas como a nossa. Dentro do feminino existe o masculino e vice-versa. Procuo exercitar ambos, porque é necessário vibrar essas forças.”

Contudo, muitos deles relataram que sofreram preconceito por demonstrarem essas características. “Toda a minha infância e adolescência foram vividas sob cânones pré-estabelecidos de gênero, principalmente sob conceitos heteronormativos e

patriarcais. Eu tive que lutar muito para construir minha própria identidade e modo de ser; a sociedade, infelizmente, exerce uma pressão da qual é custoso escapar.”, afirma um dos entrevistados.

Aqueles que responderam negativamente o fizeram ou por não entenderem existir características que diferenciam o feminino e o masculino, ou por não verem sentido nessa diferenciação, como podemos deduzir da resposta a seguir: “Nunca pensei nisso. Sou um homem que gosta da minha mulher e da minha família. Só isso. Podia ser um homem que gostasse de homens ou que não gostasse de ninguém a não ser a arte de tricotar. Acho que esta questão não faz muito sentido e nada tem a ver comigo ou com a arte de fazer malha.”

Historicamente, um dos argumentos utilizados para justificar a diferenciação e caracterização entre gêneros foi sua “natureza”, ou seja, a existência de um determinismo biológico que faria com que homens e mulheres tivessem comportamentos condizentes com sua constituição física. Todavia, esse argumento não se sustenta, o que se verifica, na verdade, é que as restrições e limitações atribuídas aos sexos são construídas social e culturalmente e não definidas pela biologia. Já dizia a célebre frase de Simone de Beauvoir (1949): “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Harari (2015) esclarece: “Como podemos diferenciar aquilo que é biologicamente determinado daquilo que as pessoas apenas tentam justificar por meio de mitos biológicos? Um bom princípio básico é “a biologia permite, a cultura proíbe. (...) A cultura tende a argumentar que proíbe apenas o que não é natural. Mas, de uma perspectiva biológica, não existe nada que não seja natural. Tudo que é possível é, por definição, também natural”.



Obra Autorretrato do Bordador Transbordando, de Fernando Cândido

Os dados coletados na pesquisa continuarão a ser analisados e as respostas de outros homens envolvidos com o fazer têxtil manual serão integradas aos dados já coletados até maio de 2020. Paralelamente, serão entrevistados os participantes dos encontros do Fio da Conversa, ciclos de aprendizagem de fazeres manuais têxteis e conversas sobre masculinidades, que acontecem trimestralmente em Curitiba (PR).

A publicação inicial desses dados pretende ampliar o diálogo que já temos realizado presencialmente em espaços de debate e nos encontros do Fio da Conversa.

REFERÊNCIAS

MUSZKAT, MALVINA. O homem subjugado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 2018.

FOUGNER, DAVID. H. The manly art of knitting. 2ª Edição. Estados Unidos: Gingko Press. 2014

HARARI, YUVAL NOAH. Sapiens: uma breve história da humanidade. 21ª Edição. Brasil: L&PM Editores. 2017.

MORNEAU, ANN. B.SocSc. H, B.A.H. Knitting takes balls: masculinity and the practice of knitting. April 2015. Carleton University Ottawa, Ontario.

KELLY, MAURA. Knitting as a feminist project? Department of Sociology, Portland State University.

BEAUVOIR, SIMONE DE. O segundo sexo: fatos e mitos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980

G1 - “Seu Jorge cria perfil no Instagram para falar de tricô e crochê” (25/07/2018), E+ Estadão - “Seu Jorge tem perfil no Instagram dedicado ao tricô e crochê” (25/07/2018) e Folha de S. Paulo - “Seu Jorge abre conta no Instagram para falar sobre tricô e crochê” “Seu Jorge tem perfil no Instagram dedicado ao tricô e crochê”, entre outros.



Obra de Pedro Luis
 “Nem eu sei como
 vim parar aqui
 OI preso a você
 e a mim mesmo”

Foto: Arquivo pessoal

TRABALHOS AUTOBIOGRÁFICOS COM A MEMÓRIA ALHEIA

Por Gustavo Seraphim e Estefania Lima

O artista plástico Pedro Luis é carioca, mas há cinco anos reside na capital paulista. Formado em publicidade e propaganda, começou a traçar um novo caminho em 2011, quando fez um curso em Londres, na Central Saint Martins. Ao voltar para o Brasil, começou o projeto “365 Posters”, onde ao longo de um ano fez um poster digital por dia. O trabalho teve uma boa repercussão e, em 2013, Pedro decidiu largar a agência, se mudar

para São Paulo, e começou a cursar Artes Plásticas. Um ano depois, passou um mês em um retiro Hare Krishna, na Chapada dos Veadeiros, e quando voltou teve a certeza de que não queria mais trabalhar com publicidade. Passou ainda um ano trabalhando como freela, mas simultaneamente dedicando-se ao seu trabalho autoral. Experimentou várias técnicas, mas foi no último ano do curso de artes plásticas que o bordado passou a ser uma de suas principais

ferramentas de trabalho. Confira abaixo a entrevista concedida pelo artista para a revista Fio da Conversa:

Fio da Conversa. Você tinha alguém que bordava ou que trabalhava com fios na sua família?

PL. A minha mãe sempre foi do trabalho manual. Ela é uma virginiana estrita com tudo o que faz. Então tudo que ela pega para fazer é muito bem feito e bem acabado, cheio de detalhes e etc. Eu crescendo isso nela. Apesar de não bordar ela faz crochê e tricô. E a minha avó bordava ponto cruz e bordado livre. Eu lembro de trabalhos muito bonitos que tinham na minha casa e na da minha avó que ela tinha feito, como toalha de mesa. Esses dias lembrei de uma toalha que tinha na casa dela e perguntei para minha mãe aonde estava. Ela falou que não sabia, mas se soubesse eu ia querer. Então a minha influência é da minha mãe e da minha avó. Nem minhas irmãs nem meu pai são do trabalho manual. Aliás, fico feliz em ser uma referência do fazer manual para os meus sobrinhos. Eles têm 8 e 9 anos, eu ensino eles a bordar e eles gostam. Então não vão precisar romper nenhum paradigma.

Fio da Conversa. Em seus trabalhos você utiliza fotos antigas de outras pessoas e indica que as suas fotos contam histórias a partir da história dos outros. Que histórias seus trabalhos contam?

PL. Eu chamo essa série com fotos de Trabalhos autobiográficos com a memória alheia. Durante o curso de artes uma questão recorrente é qual a mensagem que você quer passar com o seu trabalho e como você vai fazer isso. Acredito que existe um mundo paralelo dentro da gente que não colocamos para fora e através do meu trabalho eu expressei muito do que existe em mim. Mas a leitura que as pessoas dão aos meus trabalhos não são necessariamente aquilo que me motivou a criar. Porque me parece que existe um lugar comum de sentimento. Coisas que todo mundo vive e cada um interpreta de uma forma. É interessante porque, nesse trabalho, eu não falava qual era minha motivação, porque cada um deve ter a sua leitura.

Fio da Conversa. Como você vê o sagrado e o profano na sua obra?

PL. Eu lido de forma bem humorada com tudo na vida. Com meu trabalho autoral eu consigo passar um pouco da minha visão e do meu jeito. Tenho minha crença religiosa e respeito outras religiões. Me preocupo em não ofender as pessoas e suas crenças. Meu trabalho não tem a intenção de chocar a sociedade.

Fio da Conversa. Você acha que sua amizade com os homens e com as mulheres é diferente? Porque?

PL. Eu sempre tive mais amigas mulheres do que homens. Tenho um melhor amigo, há mais de onze anos. Sempre foi mais fácil falar e me abrir com uma mulher do que com um homem.” Eu não tenho, por exemplo, um grupo de amigos babacas, caras extremamente machistas, que fazem piadas idiotas. Eu evito esse tipo de relação. Desde a época da escola eu sempre consegui falar com todo mundo, sabe? Então acho que isso a gente constrói ao longo da vida, a sua rede de relações, quem está à sua volta. Eu tive muita sorte, porque essas minhas escolhas nunca foram uma questão. Nunca gostei de jogar bola e tudo ok. Lembro que quando comecei a bordar, um professor do curso de Artes Plásticas fez alguma piada machista e eu não ri. Eu queria que ele respeitasse aquilo da mesma forma que respeitava as outras técnicas que usava. Às vezes eu ouço uma piada ou um comentário machista, mas cabe a mim saber me posicionar e responder à altura.

Fio da Conversa. Você é uma pessoa que tem bastante atividade nas redes virtuais. Já teve algum problema com isso?

PL. Ano passado me envolvi em uma confusão. Uma marca grande, com muitos seguidores no Instagram, usou a imagem de alguns dos meus trabalhos para uma campanha no dia da mulher. E teve uma repercussão horrível no “tribunal da internet”, porque muitas pessoas acharam um absurdo aquela marca usar trabalhos de um artista homem para

passar uma mensagem para o dia da mulher. O trabalho usado tinha a frase “Casada com minha liberdade”, e entraram em discussões sobre quem era eu para dizer que a mulher casada não é livre. Houve uma compreensão totalmente errada do meu trabalho. Não fui atacado diretamente, mas atacaram o meu trabalho e o posicionamento da marca. Mas eu me senti ofendido, porque não tive em nenhum momento a intenção de ofender ninguém. Foi a primeira vez que me vi nesse lugar e passei por um aprendizado, porque hoje, se uma marca me procura, penso dez vezes antes de responder, porque seu trabalho acaba sendo vinculado à marca. Quem acompanha meu trabalho há mais tempo, sabe que tento trabalhar a equidade de gêneros.

Fio da Conversa. Sua obra tem posicionamento político?

PL. Sou totalmente contra o atual governo e tudo o que ele traz, mas não quero vincular meu trabalho exclusivamente à questão política. Na época das eleições algumas pessoas vieram me “cobrar” um posicionamento através do meu trabalho. O meu trabalho, as escolhas que eu faço, das imagens e das frases já tem uma conotação política. Não preciso ser mais explícito que isso. E tenho que confiar no meu taco e pensar “não vou falar sobre isso”.

Fio da Conversa. Você se preocupa com a sustentabilidade no seu trabalho?

PL. Estou bastante atento. Quando fiz minha primeira linha de produtos para a Collector 55, que eram uns lenços bordados com frases e palavras do tipo “Fudeu, te amo”, “Amar é do caralho” e “Fudeu é amor”, eu comprava esse lençóis prontos, Made in China, até começar a prestar atenção na quantidade de lixo que aquilo gerava. Então combinei com uma amiga que tem uma marca de roupas e ela passou a usar os restos de tecido para fazer os lenços. Eu sei que aquilo que era lixo para ela virar material para mim, que a costureira que faz a borda é bem paga, e é muito mais gratificante fazer

um trabalho em que toda a cadeia é valorizada e paga de forma justa, porque são coisas nas quais acredito e que tento passar para o meu trabalho. Está tudo muito alinhado, o que eu faço, quem eu sou e no que eu acredito.

Fio da Conversa. Dá para sobreviver fazendo arte?

PL. Hoje me mantenho exclusivamente do meu trabalho manual. Mas tenho que equilibrar entre alguns trabalhos mais comerciais, que têm mais saída, e o meu trabalho autoral. Faço também algumas parcerias com marcas. E às vezes alguns freelas de design para pessoas próximas. Eu gosto desse desafio quase constante, de precisar criar sempre. E essas foram as escolhas que eu fiz. É muito importante também o círculo de relações que criamos para nos lembrar dos nossos propósitos e talentos. Meus amigos e família, todo mundo acredita muito no meu potencial. Se estou desanimado é muito fácil encontrar alguém para me dizer que meu trabalho é bom, que não devo desistir, então continuo.



O artista
Pedro Luis

Foto: Guilherme Peixoto

DESFIANDO MASCULINIDADES

Por Daniel Fauth



Em meus trabalhos com homens autores de violência doméstica e adolescentes em conflito com a lei tenho refletido e conversado sobre como a violência é sempre vista como uma ação do outro: minhas atitudes são plenamente justificáveis porque conheço as variáveis e nuances que me levam a fazer escolhas.

Os diversos fios dessa trama aparecem para o mundo como um tecido, algo que parece único, mas que esconde sua natureza de ter-sido. Dito de outra forma: é só desfiando o delicado entrelaçamento de escolhas, conhecimentos, crenças e afetos que me formam que consigo entender do que sou feito, e qual o lugar da violência nisso tudo.

Urdume, o nome da revista que dá origem a iniciativa do Fio da Conversa, vem a calhar. Algo que sustenta o tecido, que dá base discreta, permitindo um entrelaçamento, uma forma que se sustente. Em muitas formas de se tecer masculinidades, o urdume ainda é a violência.

Violência não é algo óbvio, depende da compreensão que temos sobre determinada situação, dos sentimentos envolvidos, além dos contextos histórico e cultural. Ser “guerreiro”, “dominante”, “forte”, cada uma dessas palavras é um fio solto que, por si só não significa, necessariamente, violência. No entanto, tecido junto a outros elementos, como machismo, lgbtfobia e racismo, torna-se reiteram violências estruturais. Emaranhados ao medo de perder, ao desejo de se sobrepôr, e a uma educa-

ção que ensina aos meninos que é vergonhoso ser menina, pode se transformar em uma glorificação da dor, da violência contra si e contra os outros.

Ter a violência como urdume na construção do tecido das diversas masculinidades significa falar que é urgente que possamos desfiá-lo. Desfiar e conhecer do que, de fato, foi feita a trama na qual estamos envolvidos desde que nascemos para, só então, tecer algo novo.

Desafiar a noção de que há algo que não possa ser mudado em nossas ações, em especial quando isso machuca a nós ou a outras pessoas. Romper com essa trama, des(afiando) a lâmina de uma masculinidade que precisa provar seu valor pela eliminação de si mesmo, e do outro, e deixar de priorizar o ser homem viril em detrimento de ser pessoa.

Fazer laços, não ter medo de se misturar. Envolver-se sem querer aparentar infalibilidade. Aceitar os furos, os espaços, as voltas, pontos, o incerto de se misturar, desfazer, reatar. Vulneráveis e, talvez por isso, fortes por não sermos sós, nos tornarmos nós.

Daniel Fauth Washington Martins é bacharel em Direito pela UFPR, Especialista em Criminologia pelo ICPC, Graduando em Psicologia (10º período) na UCPR e Mestrando em Direito pela UFPR.

SER HOMEM

Por José Bueno

Tudo que você lerá aqui foi escrito por um homem privilegiado, nascido em uma família de classe média, branco, com quase 60 anos, pai de dois filhos homens e avô de uma neta, formado pela USP, faixa-preta em Aikido, que não faz ideia do que é ser uma pessoa negra, pobre, com deficiência ou homossexual.

Ainda assim, tendo convivido com homens que tiveram uma formação semelhante a minha, não me tornei competitivo, ambicioso, agressivo e preconceituoso, como tantos que conheci. Pelo contrário, desde jovem, me senti desconfortável em rodas de homens privilegiados, e optei por não seguir o roteiro do homem bem sucedido da minha geração.

Me lembro bem de, ao ir efetuar minha matrícula na USP, perguntar a um antigo funcionário da faculdade, o Senhor Rimas, um homem negro, se teria de pagar taxa de matrícula. Como resposta, ouvi: “Meu filho, nos próximos cinco anos você não pagará nem o giz que será usado no seu curso. As pessoas lá fora pagarão por você.” Foi minha primeira “aula” na faculdade (aquela que todos os alunos que ingressam em uma universidade pública deveriam ouvir).

As palavras do Senhor Rimas me fizeram entender, já aos dezoito anos, sobre meus privilégios. De lá pra cá - e lá se vão quarenta anos - tenho procurado compartilhar tudo que tive oportunidade de aprender com todo tipo de gente, e em todo tipo de ambiente. Dediquei esse tempo ao cultivo da curiosidade, inquietude, sensibilidade e espírito aprendiz.



Ao olhar de meu pai, e de tantos outros homens, eu parecia um homem fraco e sem ambições, o que, por muito tempo, doeu em mim. Passados os anos, desfruto de uma qualidade de sucesso diferente daqueles que me criticavam, e sigo fazendo o que posso por aquilo me importa, afeto, escuta, simplicidade, leveza, generosidade, estética e o amor.

Há alguns anos tenho participado de inúmeros encontros sobre masculinidade, paternidade e maturidade. Criei em 2016 uma iniciativa chamada “Círculo de Homens”, onde conversamos sobre nossos silêncios. Me interessa em especial a troca de percepções com aqueles da minha geração, aqueles que já passaram dos 50 anos e aprenderam a resolver suas questões com independência, controle e segurança.

Uma nova cultura sobre a masculinidade está emergindo e o futuro parece ser o reconhecimento do que existe para além da polaridade entre o masculino e feminino. Pelo menos, nesse momento, em que homens começam a repensar a própria masculinidade, reconheço em mim um lugar onde qualidades reconhecidas como femininas tornam-se potência e me ajudam a construir minhas realizações.

José Bueno é arquiteto pela USP, aikidoca, aquarelista e aprendiz de palhaço. Fundador do Instituto Harmonia, Educação e Sustentabilidade é facilitador de processos de desenvolvimento humano há trinta anos.

URDUME
www.urdume.com.br
@revistaurdume